



Visado pelo
Comissário de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XI • N.º 276 • PREÇO 1000

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Não nos fartamos nunca de dizer que, sem uma assistência aos moradores das casas, a obra é incompleta. Não basta segregar os indigentes do sítio aonde habitam e oferecer casa limpa e decente. Não basta. Há muito que fazer depois da casa feita. Felizmente, na maior parte dos casos que conheço, há o vicentino. A presença de casas na paróquia, é já, as mais das vezes, acção dos vicentinos. São eles que as pedem, que as erguem, que as entregam. Neste caso temos assegurada a assistência. Mas não são todas as terras. Deste lugar onde me en-

exige. Tanto usa como abusa. São horas de o educar. E é nas casas do Património. Sem a existência e uso delas, nunca o poderíamos fazer.

Educar e amar são palavras sinónimas. O visitador pode fazer um templo de cada moradia. Se admoesta, se repara, se insinua, se pergunta, — tudo seja dito e feito por amor de Deus. Ele é tão fácil apontar defeitos e ralhar aos pobres — tão fácil!

A tal ponto nos devemos encher destas verdades que, naquela paróquia aonde ainda não há esperanças de que venha a existir



Duas casas quem vai de Loures para Bucelas. Estão no sítio aonde antes era a capela de S. Roque. Dominam toda a veiga do Trancão. Uma é Casa do Trigo, assim chamada por ser oferta dos Empregados e Directores da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Outra é Casa de Lobito, em memória do antigo residente do Lobito, Senhor João Salema e por vontade de sua desolada viúva D. Maria Luiza.

Vão ser entregues por estes dias. Havemos de chamar os interessados.

contro, olhos fechados, estou vendo dezenas e dezenas de lindas habitações, aonde o pobre entrou e nunca mais viu um amigo dentro das suas portas! Mudou de sítio que não de vida. A mesma penúria. Naquela terra não há o visitador de pobres. Todos nós sabemos que o número de conferências de S. Vicente de Paulo estabelecidas nas dioceses de Portugal, contam-se pelos dedos da mão. E destas, não podemos afirmar que todas vivam. Ora faltando o pão, também faltam os bons conselhos. Não existe a visita semanal. O pobre continua sem ninguém que seja por ele. É deixado inteiramente a si. A casa aonde mora e aonde parece nada faltar, acha-se por isso muito diminuída.

Na barraca não se podia fazer nada. Não havia ambiente. O pobre não nos escutaria, porque não acreditava. Agora tudo mudou. A casa trouxe-lhe uma grande novidade. Sente que alguém se importa. Deseja retribuir. Está o campo aberto às grandes iniciativas do espírito.

A maior dificuldade que se nos apresenta, é dar ao pobre a noção do exacto. Ele perdeu o sentido das proporções. Tanto pede como

a Conferência de S. Vicente de Paulo, nessa paróquia, digo, mesmo que apareçam homens e dinheiro, é preferível não construir esta sorte de casas.

Nós não temos interesse em mostrar grandes bairros com muita população. A obra do Património pretende dar o uso de uma casa a cada pobre, tanto quanto possível no próprio lugar aonde ele habita. Porém, que não venha com ela o nosso esquecimento. Não venha servir a casa para o afastarmos, antes, nela e por ela, aproximemo-nos cada vez mais. Nós temos necessidade de amigos. Bons e verdadeiros amigos. Nenhum como eles.

Hoje, que estamos em vésperas de ver no Diário do Governo a Portaria que reconhece a Obra como de Assistência e lhe dá os privilégios do estilo; que cada um dos nossos Bispos a tem feito sua; que os homens de todos os credos espreitam e dão—sendo assim, e daqui ninguém foge, temos de nos virar para o que já vale tanto, afirmado que valha mais. Valha tudo.

Ouvi dizer que o senhor Bispo do Porto deseja lançar o fundamento de uma escola de visitadoras e mandá-las pelas paróquias



Aqui, LISBOA!

Nota-se nas páginas da nossa Agenda, não o cansaço, mas a ausência da população da Cidade.

Os vendedores do Jornal queixam-se também de que as igrejas estão vazias e de que nos escritórios das Companhias só se vêem mesas. Que os empregados estão todos para férias. Felizes os que as mereceram e que as podem disfrutar. Nós, que não podemos ter férias por termos de pôr a mesa quatro vezes ao dia a quem a não tem, nem por isso nos consideramos menos felizes. E se nos lamentamos, é só por nos não ter sido possível ir ao encontro dos que veraneiam na Costa do Sol, quer do norte quer do sul do Tejo. E que há por lá outras obras (pena é serem tão poucas), que temem a concorrência. Com um pouco mais de largueza de vistas, descobririam o manancial que esta tão pequenina sentença do Evangelho encerra: *dar e dar-se-vos-á*. Todos ficaríamos a ganhar.

Mas os amigos são seguros. A ausência estreita os laços. No regresso, que desejamos seja feliz, cá nos encontraremos

Entretanto, louvzdo seja Deus, se rareiam as notícias dos ausentes, abundam as boas notícias dos de casa. Aquela reunião provocada pelos Rapazes mais crescidos, encheu-nos a alma. O crónista faz eco dessa assembleia magna. «Nós queríamos ir a Fátima a pé para alcançarmos a graça duma maior pureza» disse um deles. «A nossa vida tem altos e baixos, diz outro; nós queremos escrever ao Senhor Cardeal a pedir-lhe um padre espiritual». Porquê? Porque querem

da sua diocese. Não que já não haja delas. Mas temos necessidade de mais e sobretudo de uma coisa diferente. Pois que venham. A obra do Património espera as; e eu também.

P. S.— No artigo do último número, sob a mesma epígrafe, vinha referência a uma quantia destinada a casas em Ermezinde.

A seguir dizia-se: «Tem acontecido ter feito entrega de dinheiro e as casas ficam por fazer.»

Ora, por se não ter aberto parágrafo ao dizer tal, houve quem julgasse que a triste experiência fora colhida naquela terra.

Para desfazer equívocos e evitar que uns comam os figos e aos outros rebente a boca, aqui se declara que a queixa não é de lá.

Que a boa gente de Ermezinde desculpe a falta de precisão gramatical.

só altos. Nada de baixez: *queremos ser puros!*

Ninguém pasmou mais do que eu. Do lixo vêm estas lições para o mundo. E não ficaram em palavras. É pelo amor ao trabalho que melhor avalio o progresso deles. Dois assumiram o comando total dos cento e dez restantes. Três pegam já na colher de pedreiro a ombrear com os mestres. Um empunha o vidro fôscio e o bico do electrogénio e faz correr o ferro líquido pelas juntas a soldar. Os carpinteiros fazem progressos. O alfaiate reclama os aprendizes, *que têm muito jeito*. O mestre sapateiro nos dias que não pode comparecer, tem já quem o substitua. O Pardal e o Sapo, que foram desta Casa, ofereceram-se como voluntários para a Índia. Temos bons patriotas! No Lar, o Octávio faz economias das suas gorjetas para comprar um anel e um par de brincos que envia à mãe, no dia dos seus anos. Os vicentinos esforçam-se por angariar o sustento dos seus pobres, o que lhes custa mais de mil escudos por mês. O Américo senta-se ao harmónio e, com um grupo de pequenos cantores, enche a igreja de harmonias. O grupo dos arduas espalha-se por aí fora a irradiar luz. O Pedro vem cheio de alegria, noticiar que espera dentro em breve pelo seu *primeiro bebé* e *pede aos leitores um bercinho* para o receber dignamente. Haverá quem não estremeça com a ternura desta notícia?...

Da Curraleira temos também notícias a dar: o tuberculoso foi finalmente hospitalizado. Uma penada do Terreiro do Paço e uma palavra do Senhor Doutor Mário de Alenquer, do Hospital do Rego, foram decisivas. O nosso Prefect fez para ali o último serviço a favor dos pobres. Pelo caminho só a mãe gemia: «Que sorte a minha! Perdi a minha casinha (era uma mísera barraca) agora perco o meu filhinho». As lágrimas faziam arder os olhos purulentos...

A Curraleira tem agora no céu uma protectora. A irma que fundou a comunidade da Curraleira recebeu ordem de partir para o Brasil. Retardou a sua saída para assistir àquela célebre Missa Nova aqui relatada. Vimo-la partir com saudades, no dia seguinte, para ir viver com os índios da América do Sul. Ciganos, tuaregues, encurralados, índios selvagens, são os únicos tesouros que apaixonam as heroicas Irmãzinhas de Jesus. Uma vida de heroísmo só pode ter como coroa uma heróica morte. A irmã

(Continua na terceira página)

AGORA UMA VISITA

Vai aqui alguém do Luso com 50\$00. Um de Famalicão que mora no Porto, quer ir aqui com 170\$00 e diz *tenho muita dor de não ter visto nunca o nome da minha terra representado nesta humanitaria procissão*. Mais. *Peço a Deus que esta pequenina oferta seja uma carta de chamada*. Pois que seja, sim. Uma segunda chamada porquanto Famalicão já por mais de uma vez tem marcado presença e até existe uma casa do Património com a placa «Casa de uma Famalicence». Outra vez mais. Há um senhor da vila ou proximidades o qual, sempre que me encontra, mete a sua mão na algibeira... Demos graças e Deus. Demos aqui lugar a «Uma Maria», com 20\$00. De uma vez, recebemos aqui notícias de que todas as Marias de Portugal iam entrar na procissão, tendo assinado a carta «Uma Maria». Estamos à espera... Os Ferroviários de Vila Real, tornaram com 206\$00. E agora queiram arrumar-se. Vai passar o Dundo. Tantas vezes e tanta coisa tenho ouvido daquela terra, que, se um dia ali fosse, nada me seria novo. São os funcionários. Eles não sabem vir a Portugal sem primeiramente passar pelas Casas do Gaiato. Eis de como eles falam:

Que Deus lhe conceda a melhor saúde para poder continuar a olhar pelos mais desprotegidos.

Junto envio um cheque de 6.100\$00 sendo:

6.000\$00 são para meia cozinha, por uma promessa e 100\$00 são para pagamento do «Ovo de Colombo».

Peço-lhe Pai Américo uma oração—para que Nosso Senhor me conceda saúde e trabalho, pois ainda queria mandar mais a outra meia».

E vai na procissão. Também vai o sacrificado dos 20\$00 de tabaco que não fuma. Uma vicentina leva 20\$00. Empregados do Banco Ultramarino da Ilha do Príncipe, largam a suas carteiras e vão aqui com 108\$30; e o mesmo fazem os de Famalicão, com 132\$50. Um visitante esteve ontem na aldeia e fez entrega de 3 contos para ajudar. O mesmo se diz de um Casal, que desce do seu modesto carro e entrega um cheque de 14 contos, ao qual chamou

«meia casa», estando por isso mesmo determinado a entregar outro tanto a seu tempo. Tendo eu lido melhor aquele cheque estou em dizer que este Casal é o mesmo que aqui veio há uns dois anos, tendo deixado a quantia de doze contos para o mesmo fim: Será? O certo é que se trata de gente do Porto. Deixem passar e muito silêncio.

Precisamente na hora em que iam os a recolher, aí vem a Rosa da Estrada Lendemburgo. Deixemos que ela entre. Traz na mão uma carta tão bonita e falas tão portuguesas! Por ela ficamos todos a saber que as Rosas de Portugal são capazes de grandes e muitos sacrificios, qualquer que seja o sítio aonde se encontrem. Outrossim que, por vezes, os ordenados ali não chegam. É bom que isto se conheça. Os felizes que podem vir à Mãe Pátria, não dizem nada de milhares que por lá ficam, sem esperanças.

«Desculpe por só hoje lhe mandar 100\$00 para a assinatura do jornal da assinante 23.816 já bastante tempo que recebo o jornal e sem mandar o dinheiro para ele não por me ter esquecido mas por o dinheiro não chegar para tudo estou em Lourenço Marques aonde fis uma cozinha e não tinha o dinheiro que chegasse tive de pedir ou seja um empréstimo e o urdenado do meu marido não chega para satisfazer tudo au mesmo tempo hoje com a graça de Deus consegui mandar o dinheiro para pagar o que devo e fica com os 100 escudos para pagar até a data quando Deus permitir eide mandar alguma coisa para ajuda do património que é uma das maiores riquezas que Portugal até hoje conseguiu. Deus lhe deia muita vida e saude para continuar avelar por eles são os votos desta assinante que tanto estima essa grande obra».

Mas ainda não. Não podemos ainda recolher e deixar fora este Engenheiro de Lisboa, que leva na mão a sua primeira prestação de uma casa, 3 deles em vale do correio. É um colega do nosso Padre Engenheiro. É mesmo a sua prenda da Ordenação Sacerdotal. Colega e amigo e altamente simpaticante. Atenção aos outros...

UMA CARTA

«Creio ter-te dito já como estou a ter cada vez mais fé na Providência Divina. Razões para isso tenho-as de sobejo; a última—e das fortes—foi a minha tão breve estadia aí em Paço de Sousa. Não podes calcular quanto bem me fez. Por ela tenho de dar infinitas graças ao Senhor e não poucas, também, a esses queridos rapazes.

Embora não veja com clareza a razão disso, posso afirmar, sem dúvida alguma, que nunca senti nem vi de maneira tão sacerdotal como após o contacto com os «gaiatos». Posso mesmo ir mais longe. Só agora comecei a sentir de uma maneira verdadeiramente sacerdotal. Creio bem que me não engano se disser que os frutos da reunião, em Fátima, foram colhidos aí. Repito: cada vez acredito mais na Providência Divina.

Não fossem os múltiplos entra-

ves, que tu bem conheces, e acabaria aí as minhas férias. Tenho a certeza que isso seria óptima preparação para começar o novo ano. Já que Nosso Senhor não o permite, resta-me aguardar com impaciência (não será santa impaciência?) os poucos dias que aí poderei passar.

Chegado aqui, pensaste já certamente:—Cá está uma vocação de padre da rual!

Não ousaria afirmá-lo sem receio de ser precipitado, mas o que é certo é que o convívio com esses rapazes, embora tão ao de leve, me agradou, melhor, me encheu. Se vieres ao l'orto não deixes de comunicar para que possamos encontrar-nos.

Abraça-te com muita estima no Coração de Jesus.»

Quem ensinou a escrever assim, se este era ontem estudante da Faculdade de Direito e hoje, é

Já aqui demos notícia da existência e de como funcionam duas casas de repouso para pobres nas cercanias de Lisboa; e hoje tornamos. É preciso haver no mundo alguém que dê testemunho de Cristo em voz alta e a toda a gente. Ora obras desta natureza são uma afirmação da Sua presença.

É também nos arredores de Lisboa esta de que nos vamos ocupar. Vejamos de como ela começou: O pároco da Encarnação é o Dr. P.^e Abel Varzim, um mártir dos nossos tempos, ignorado. Acontece que a sua paróquia abrange o Bairro Alto—*Açougue de Lisboa*... Algumas paróquias começam a ir à igreja, a medo. Uma, antes de morrer, quer falar ao senhor Prior. Falou. Morreu. Teve funeral. As colegas velam toda a noite, pedem sufrágios e tudo são fitas brancas e flores. Ela morreu no seio da Santa Madre Igreja. Atrás da morta, vêm outras companheiras e começa a dar-se a aproximação. Implanta-se na paróquia o culto de Santa Maria Goreti, com um altar especial, à mão direita de quem entra na igreja. Mais aproximação. Melhor entendimento. Algumas põem ao Padre Abel o caso da sua libertação. Ele escuta, aflige-se, trabalha. Começa o seu martírio a render. Aquelas mesmas que lhe vêm pedir auxílio e opinião, ele pede auxílio e opinião. Depressa compreendeu que ninguém pode redimir sem a colaboração do redimido. Nem Cristo, e mais Ele é Deus. Alugar casa para cada caso, tornava-se mui dispendioso de sorte que, as paróquias mais longe de Lisboa e vida humana. Assim se fez. Jardim, horta, vida em família. Porta aberta. Uma delas fugira ontem. Obra delas, por elas, para elas. Está certo. Não é defeito; é antes uma qualidade da Obra. A que fugiu pelo seu pé, regressou da mesma sorte. A orientadora da comunidade, uma senhora estranha, já se vê, foi testemunha, sim, mas não interviu. Muitas outras hão-de necessariamente fugir. A obra tem tanto de difícil como de delicada. A cicatrização destas feridas leva tempo. Mas não tenhamos medo. Foi o próprio Deus quem deu o querer ao senhor Padre Abel Varzim. Com este título ele vai reconhecer que as dificuldades da obra, são justamente a sua alma.

Estivemos na quinta. Padre Adriano mais eu olhámos em redor. Jardim, horta, largueza, muitas dependências na casa, tudo pobre e bem arrumado. Estava a governante e cinco *delapidadas*; as fundadoras. Uma delas tem ao colo uma criança de ontem. Aquelle mesmo indivíduo do crime, hoje, mudado, vem ali procurar e quer fazer sua a que dantes não era de ninguém—porque de todos. Trabalha-se ali em roupas de vestir, enxoval para um casamento, outros serviços domésticos. Acende-se o fogo, faz-se o jantar, cuida-

um seminarista dos Olivais; quem o teria ensinado!? Eu fujo a comentar e, muito embora não veja também com clareza a razão das coisas, guardo e comento interiormente, como *naquele tempo* os Esposos de Nazaré, ao ouvirem o que se dizia de Jesus Infante.

se da arrumação da casa. Tudo isto são receitas suaves de doenças profundas e dolorosas, ignoradas, para maior desgraça, de quem as suporta. Atrás destas cinco, mais cinco. Com o andar dos tempos, mais cinco. Padre Abel Varzim descobriu que a qualidade vale mais do que a quantidade. Por agora não vale a pena insistir; cada uma é que há-de dar o sinal. Dar pela falta de algo que lhe falta—o conhecimento de Deus. E depois é deixar a cada uma o seu problema interior. Elas que falem.

Regressamos a casa naquela formosa tarde dum verão que parece Outono. Padre Adriano põe o carro a meia marcha, para termos mais tempo de conversar. Aquela obra incipiente tem nervos de gigante, por ter nascido e ser da Igreja. O repugnante pode tornar-se em amável. O vício em virtude. A lama em luz. A Deus nada é impossível. Por outro lado respeita-se humildemente a liberdade das que quiserem ser da Obra. Elas podem-se determinar. A porta aberta é afinal de contas a maior segurança. Que o diga a que fugiu e tornou. Depois vem o trabalho. Sem este é impossível a regeneração. Ausência total de criadas; nem na quinta, nem na horta, nem no jardim. Dentro de casa, isso nem se fala. Como fomos devagarinho e o Tojal demorava, falamos dos asilos. O antigo asilo que pretende sobreviver aos lares de família e continua com normas dispendiosas e nocivas. Em uma cidade, a superiora dum asilo fez-nos queixa do sistema de criação que ali viera encontrar: *Aqui é tudo feito por criadas*. Isto significa que no fim do tempo, à saída das meninas, aumenta a população do Bairro Alto... Tudo isto, que já não é pequeno mal, sofre um aumento de um outro maior: Sabemos e não dizemos.

Uma deprecação

Era assim que vinha no penúltimo número do jornal; um apelo aos homens de boa vontade, o favor da Obra dos Tuberculosos do Norte de Portugal. Quando a semente é boa e o terreno idem, os resultados não se fazem esperar. Assim aconteceu. O senhor Dr. Lopes Rodrigues não deve ter recusado. Melhor teria sido, sem dúvida, dinheiro de particulares: mil contos de alguém que os pudesse dispensar. Porém, não tendo chegado ainda a hora de tais feitos, aceite-se tudo quanto o Governo nos possa dar. O que se torna desde já necessário, é fazer a cama a 300 doentes do Norte, que, de outro modo, são condenados.

Quando oiço dizer que o mundo vai acabar, tenho pena, porquanto, na nossa terra, estamos justamente a começar. Começamos pelos fracos. É preciso que a corda, em vez de partir por aqui, no dizer do povo, seja mas é, com eles e por eles, mais resistente. *Sentai à vossa mesa os fracos*. Verdade eterna.

O antigo sanatório de Paredes de Coura está hoje ao serviço dos doentes. O antigo sanatório de Alportel, está hoje ao serviço dos doentes. Da bicha interminável dos que esperavam à porta da secretaria do Instituto Nacional, já foram para a sua cama a passar

(Continua na 4.^a página)

Aqui Lisboa!

Continuação da primeira página

acaba de ser martirizada com a sua companheira por aqueles índios que pretendia civilizar. Quefecundo não vai ser este sangue derramado! Com que alegria apanhei esta notícia nos jornais para a retransmitir aos nossos leitores e leitoras. Faz-nos pena que a maioria das que dizem ter vocação religiosa, sigam para Ordens e Congregações humanamente mais cómodas e desconheciam a porta do noviciado das que, como as Criaditas dos Pobres, Irmãs de Jesus e outras, pela sua vida pobre e dura, seguem mais de perto o exemplo do Mestre.

Depois deste feixe de notícias volto-me de novo para as páginas da Agenda para reproduzir o que nelas se registou.

Do assinante 30712, quarenta pela paz dum lar e intenção de três crianças. Do as. 4419 mais uma prestação de mil para o Património; 20\$ da Rua do Salvador; 250\$ à porta de uma igreja; roupinhas de bebé que respiram o amor de quem as envia e 50\$ para os pobres protegidos pelos vicentinos. Mais roupás da Av. Almirante Reis. Do as. 30.394 cem escudos para o pobre que saiba ter necessidade deles. Na verdade há pobres que nem das suas privações têm consciência. Essa a sua maior miséria. Vem do Aeroporto esta carta. Reconhece-se que é pessoa que vê o mundo das alturas. Até de Braga vem alguém chorar com o pobre que quer morrer ao pé da mãe, e manda 50\$ para ele. Aqueles que se vêem forçados a interromper as prestações para o Património que se não afluam. Outros aparecem a ocupar lugares forçadamente vagos. Assim no-lo diz o telefone de mais duas Empresas de Lisboa. Nem tudo foi para férias. Parece que também as não tiveram os Empregados da Vacuum e da Nestlé que estão em dia com a cota mensal. Mais 50\$ e um voto de louvor de alguém que ficou encantado com a «obra formidável que tive o prazer de visitar»; outro tanto dum habitual apaixonado; 25\$ e roupas de promessa; cem para os pobres da Conferência; 200\$ da Zibreira «em acção de graças pelo muito que tem recebido de Deus Nosso Senhor». São tão puros os agradecidos... 50\$ da Maria que continua a esperar. Na Ericeira 100\$ e 20\$ e muita fruta e palavras amigas. 500\$ de visitantes e 100\$ por alma da Tia Luz e 150\$ também para sufrágios. Um vale de 500\$ da Avenida Ant. A. Aguiar, para o Património e pobres da Conferência. Um cheque de cem. Um fogão de Campolide e uma colecção de livros, da Rua das Parreiras e mais esta notícia dos jornais: «O Governo da Inglaterra vai fazer desaparecer os bairros pobres da Gran Bretanha. Espera alcançar este objectivo construindo 300.000 casas para pobres, por ano.»

Porque não seguir esta formidável realização social?

Padre Adriano

de seiscentos. Foi dada voz de sentido. Ouviu-se uma *palavrinha* na Assistência Nacional aos doentes de pulmões.

Tenho pena se o mundo acaba antes de ver e sentir este nosso começar.

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

O Daniel encontra-se no Gerez para tratar do seu fígado. Para o seu lugar vim eu este número dizer-vos algumas das notícias mais fresquinhas da nossa aldeia. Primeiramente, peço desculpa de isto não ir lá muito bem feito, pois tenho pouco jeito para isto. Mas aí vai:

— Já começámos a comer das nossas melancias. Vieram de Beire. Os grandes ficaram a ver navios. Só vieram quatro, mas chegaram e e sobriaram.

— Foi resolvido dar vinho aos maiores. É só ao meio dia, mas já chega. Temos de beber senão vem o ano e ainda temos três pipas do velho. Agora mal se chega à mesa é quem mais vê quem tem a caneca maior. E lá começam as trocas e o barulho. O que vale é que o Sr. Padre Carlos chega mais tarde à mesa senão ainda iam ficar outra vez sem a pinguita.

— Já começaram a ir rapazes trabalhar para Beire. Principiam a abrir um poço, para termos água com fartura. A quinta é maior que a daqui, portanto ainda ali temos muito que roer. O Sérgio é que os leva todos os dias de manhã numa furgonete que nós temos. É uma «morris minor» muito geitosa.

— O nosso Pai Américo foi na segunda feira aos Açores. Como é do conhecimento dos leitores há ali uma casa parecida com a nossa.

Há dias esteve aqui o Sr. Padre Elias André que o convidou a ir lá mas é só ir e vir; Boa viagem e bom exito.

— O Júlio Mendes encontra-se também a águas em Caldelas. Os rapazes da Tipografia estão mortos que ele venha. Por isso Júlio cá te esperamos.

— A nossa conferência continua a ter um grande déficit. Já deixamos de aceitar receitas dos nossos pobres, por falta de dinheiro. Não se esqueçam de nós.

— Como todos os leitores sabem, o Daniel gosta muito de jornais. Agora porém encontra-se no Gerez. Os jornais vêm para aqui. Assim, todos os dias recebemos cartas, pedindo para os mandarmos. Mas o Avellino não deixa mandá-los. Por isso Daniel, cura-te depressa que os teus jornais já têm saudades tuas!..

Orlando

TOJAL O Rocha tomou o encargo de secretário da nossa Conferência. Uma das actas escritas por ele diz assim:—A cinco de Setembro de 1954, reuniram-se uma vez mais os rapazes da Conferência da Rainha Santa Isabel da Casa do Gaiato do Tojal.

Primeiramente e conforme é nosso hábito, rezámos as orações habituais. Seguidamente lemos um trecho do Barredo, em que nos falava desta maneira: «A nossa Conferência entrou numa fase de grande desenvolvimento, pois os confrades mostram grande zelo pelos seus pobres». Claro está que estas palavras soaram, isto é, caíram bem em nós confrades, mas é preciso que todos concorramos para o mesmo fim, levar as esmolas a tempo para que não prejudique os pobres e também para não se acumularem em sítio onde não fazem falta.

E pronto, foi esta a lição que todos devemos ter na lembrança para assim roubarmos um pouco de tempo e irmos dar palavras de carinho àqueles que foram como nós.

Depois fomos ao inquérito dos nossos pobres, verificando-se que ainda estavam três esmolas por entregar. O José Soares ficou de arranjar uma mesa de cabeceira para a pobre do Fernando. Ficou assente também nesta acta comprarem-se só nove esmolas visto estarem três de sobra. O José Soares entregou uma receita para mandar vir remédio para os olhos da sua pobre. Fomos depois às rendas de casa, entregando-se 20\$00 ao Julião e 10\$00 ao António Justino. Prosseguiu-se a reunião com a colecta que rendeu 28\$80.

As esmolas foram constituídas cada uma de 500 gramas de massa, 500 de açúcar, no valor de 70\$20.

— Na acta não se diz, mas digo eu: Recebemos 100\$00 e há tempos mais 500\$00 para a nossa Conferência. Fora os subscritores e a nossa colecta, só podemos contar com os leitores para mantermos os nossos pobres.

— No dia 12 do corrente mês, efectuou-se um desafio com o grupo de Fátima de Lisboa. Aos 30 minutos de jogo o Hélio marca o 1.º tento, depois mais umas avançadas e fintas, aos 45 minutos surgiu o 2.º pelo mesmo marcador. Depois o Natalino na segunda parte marca aos 35 minutos a 3.a e aos 55 a 4.a. O Oscar com uma passagem de Natalino marca a 5.a. Poucos minutos depois, os de Fátima obtiveram a 1.a bola. Assim acabou o desafio, ficando nós a vencer por 5-1. O nosso grupo está agora em grandes progressos. Foi nomeada a mesa e temos um instrutor. A nossa primeira vitória é sinal de ordem e disciplina.

Também é do Rocha a seguinte carta que nós os maiores assinámos e mandámos ao Senhor Cardeal Patriarca:

NO PRELO!..

O ADMIRÁVEL LIVRO
VIAGENS

Sua Eminência Senhor Cardeal Patriarca eu, em nome de todos os Gaiatos do Tojal, venho por meio desta simples carta dizer-lhe a Sua Eminência qual a razão que nos levou a dirigir-lhe esta carta.

Nós rapazes desta Casa há muito que pensávamos em ter um Director Espiritual, pois a nossa vida começa cheia de altos e baixos.

Foi depois de nos reunirmos que pensámos em escrever a Sua Eminência. Nós verificamos que não andamos no mundo por ver andar os outros. Devemos salvar a nossa alma porque é assim que nós aliviamos a cruz a Cristo. Só temos um Director Espiritual de mês a mês. Pediamos se fosse possível mandar um Director semanal.

Pois já podemos andar com a alma tranquila. Desde já muito respeitosamente agradecemos e em troca, que a benção de Sua Eminência venha sobre os Gaiatos.

João de Deus Assis Rocha, Oscar Manuel, António de Oliveira, Hélio Joaquim, João Anastácio, Orlando Barros, Natalino da Silva.

Acabamos de saber que foi nomeado para 4 freguesias, dentre elas a nossa de Santo António do Tojal o Senhor Padre Baptista que há muito é nosso amigo e queria vir para a Obra. Agora como fica na nossa Casa já ele pode ser o nosso Padre Espiritual.

Os Gaiatos ficam muito agradecidos ao Sr. Cardeal Patriarca.

— O Santos foi, mais outro, apanhar figos e uvas para a nossa merenda. Depois quando vinha com os tabuleiros cheios, fazia dos seus pregões com muita graça:—Quem quer figos, quem quer al-mo-çar... Uva madurinha quem quer uva. E assim imitava os vendedores das ruas. Quem estava de parte, ria com vontade. Mas ficava-lhe a crescer água na boca.

Joaquim A. Gouveia Marques

Venda na Póvoa de Varzim

Tenho-me deslocado a esta simpática e grande Vila para fazer a habitual venda do nosso jornal «O Gaiato».

Saio do Porto, pelas 7,20 horas, com 150 jornais destinados a ser vendidos na Póvoa do Varzim. Quando chego vou avisar o nosso e meu amigo Sr. Nunes, para ele contar comigo na hora do meio-dia.

Sempre me receba com alegria. Alegria que quer dizer: amizade perpétua.

Depois tenho o Cine-Póvoa à minha disposição, onde vejo cinema, e vendo alguns jornais, e no fim o dono ainda me agradece, com a merenda.

Tenho pena de isto não poder continuar, em virtude de tornar a Viana. O Hélio, antigo vendedor, deixou a venda e deixou Viana.

Como eu conheço melhor a cidade e sei tudo o que por lá vai volto a Viana e deixo Póvoa do Varzim.

Deixo a Póvoa mas pela 2.a vez quero deixar um obrigado por tudo aos meus amigos Poveiros, que jamais poderei esquecer.

António Martins (Papagaio)

UMA RESPOSTA

De vez em quando chegam esmolas pedindo a celebração por alma de defuntos e uma ou outra têm-nos perguntado se é o mesmo o valor da Missa, aplicada por intenção de vivos. É sim senhor. Diria até que é duplamente fértil a aplicação pelos vivos.

Com a morte cessa a capacidade de merecer. As almas do Purgatório, pela celebração de Missas em seu sufrágio, recebem uma diminuição de penas por transferência em seu favor de méritos alheios. Aproveitam *passivamente* dos actos dos fieis. Os vivos, esses podem ainda merecer eles próprios. E as graças, de conversão, de aperfeiçoamento, que a Santa Missa lhes trará — se da sua parte não houver um acto positivo de rejeição — podem movê-los a melhorar *activamente* a sua posição diante da Justiça de Deus, ofendida pelos seus pecados.

A Missa pelos defuntos pode somente diminuir penas temporais. A Missa oferecida em favor de um vivo pode até ser fonte de salvação para essa alma.

Não há pois que hesitar. Aqueles pessoas que amealham para que sejam celebradas Missas por sua alma, após a morte, ofereçam-nas agora em vida. Naquele dia em que Deus as chamar, encontrarão os *lucros* salvíficos da sua renúncia.

PADRE CARLOS

UM DESABAFO

Eu já sabia que à grande nau corresponde maior tormenta. Sabia sim, mas na minha inexperiência de principiante não imaginava tamanha.

Foi no Tojal que me encetei como *padre da rua*. Ali tudo é mais pequeno: o que dão e o que pedem. Apesar disso eu aprendera já a angústia de dizer que não. Cheguei mesmo a queixar-me nestas colunas.

Aqui, porém, a angústia converte-se em tortura.

Nos meus primeiros quinze dias em Paço de Sousa foram trinta e cinco os pedidos chegados em carta. Aparecidos aqui à porta, nem sei já quantos. Dez, trinta, cem quilómetros... Não há distâncias que façam desanimar. A pé, ao longo de dias e noites, mendigando uma cêdea pelo caminho, são viúvas, abandonadas, operários caídos em doença e no desemprego, tuberculosos por uma cama em sanatório, desalojados por uma casa algures, injustiçados reclamando justiça, muita gente pedindo lugar para um rapaz. Todas as dores têm a sua representação. Mesmo as dores morais também aqui são aiadas por desabafo.

O que este desaguar de mágoas e necessidades não representa de confiança! Dir-se-ia que à volta tudo é deserto, ou se converteu em deserto, e aqui um oásis onde se funda a derradeira esperança. E a nossa tortura vem de que este oásis é miragem para a maior parte dos esperançados, por causa da nossa limitação. São 190 rapazes a que nos devemos, aqui e nos Lares do Porto. Nós não chegamos sequer para eles na medida em que era necessário. E tanta gente que fica na ilusão de uma resposta que nunca irá! Isto também nos doe, e é mesmo essa dor a contribuição com que partilhamos os sofrimentos de quem nos procura.

Não seria assim se cada freguesia cuidasse dos seus Pobres. Se houvesse esse cuidado como obrigação pastoral.

O obstáculo que se põe é sempre o mesmo: dinheiro; onde ir buscar o dinheiro?

Como se as Obras de Deus se fizessem de dinheiro! Fazem-se com ele, sim, na medida em que Deus realiza as suas obras servindo-se dos homens, por processos conhecidos dos homens. Mas se Ele quer a obra, Ele providenciará acerca do material. Aos obreiros

(Continua na quarta página)

VISITANTES

O Grupo Excursionista dos Amigos do Gaiato, que é natural do Carvalhido, esteve aqui no último domingo com duas camionetes. Era muita gente. O tesoureiro adianta-se e faz entrega de uma carta com a importância de 1440\$00, que são os dois tostões colhidos por semana e durante o ano, de cada um dos membros. Estavam ali todos. Homens, mulheres, crianças. Eram famílias. Trouxeram seus farnéis, que comeram na mata, tendo levado consigo um dos nossos do Carvalhido, que quisera fazer seu naquele dia e hora. A tardinha, regressaram ao pé da Casa Mãe para entregar o bôspede e fazerem o pedido se eu o deixava ir passar com eles o próximo Natal e Ano Novo. Que sim. Mais, um que não era do grupo, pediu lugar na mesma camionete e por não ter tido ocasião de descontrar semanalmente os dois tostões, sendo vassoureiro de profissão, ofereceu uma dúzia de pequeninas vassouras. Que mais? Quem pode acrescentar beleza a uma tamanha beleza?

AQUI GEREZ BARREDO

É verdade amigos leitores, tivemos a sorte de vir para o Gerez tomar as águas para que o fígado fique mais manso e para não andarmos sempre a choramingar!

Juntamente comigo vieram a Senhora D. Sofia, a Senhora das casas, e sua irmã, mas antes já cá esteve o Pai Américo com o Sérgio, que me parece ficaram a gostar. E nós iremos pelo mesmo caminho.

Partimos de Paço de Sousa no dia 7 do corrente, seguindo por Penafiel, onde o *morris* foi lubrificado e nós aproveitámos esta abertazinha para irmos dar uma volta pela cidade. Desliguei-me do grupo para ir tirar fotografias e aproveitando este cantinho do «Famoso», protesto enérgicamente pela maneira como o fotógrafo, que não vale a pena aqui mencionar, tinha a entrada e salas decoradas, onde predominava a obscenidade.

Não sei como esta gente tem coragem para se servir deste tratagem para fazerem o seu negócio. As autoridades é que haviam de tomar providências, pois se assim não for, caminhare-

Um desabofo continuação da 3.ª página

apenas é mandado que procurem o Reino de Deus. O resto será por acréscimo.

O problema do dinheiro é uma desculpa falsa. A verdadeira razão está na inconsciência deste dever.

Na capelania de uma aldeia vizinha, pobríssima, está um padre doente e pobre. Ele viu sofrer e tem sofrido. Quando não as suas dores a de Cristo no seu próximo. Por isso mesmo entendeu que não podia ignorar tais sofrimentos e na sua aldeia tem-se multiplicado a assistência aos Pobres. Médico, remédios, casas para pobres, auxílio a outros Pobres na construção ou reparação de suas casitas, esmolas várias e oportunas... Onde vai ele buscar o dinheiro? Não sei, nem ele próprio sabe, certamente. Mendiga, priva-se, não foje a humilhações nem a fadigas. Doe-se. Dá-se.

E tudo quanto faz, é Deus quem faz por suas mãos. O que é preciso aparece, pela própria exigência da necessidade. O problema dos meios surge na sua vida de pastor de uma aldeia pobre incidentalmente e ele nunca o pôs no ponto de partida de toda a acção.

Os Pobres da sua aldeia, embora vizinhos, não vêm cá. Quando é preciso alguma coisa é ele quem chega aqui, o Servo dos Pobres da sua aldeia. Entendemo-nos, colaboramos, repartimos.

Os Pobres daquela capelania não precisam de sair da aldeia. Encontram lá o bom Samaritano que pensa as suas feridas.

Se Jesus voltasse visivelmente eles não lhe perguntariam quem é o próximo. Já o conhecem.

O que este padre faz nasce da sua consciência. Todos o podem fazer.

Basta que deixemos a prudência calculista do mundo, que é estorvo. Vamos à Prudência sobrenatural

Padre Carlos

mos para a derrocada. Depois queixam-se que aqui anda o comunismo, se ninguém levanta uma «palheira» do chão! Abaixo a nudez, para caminharmos para um Portugal melhor, mais são, mais sadio.

Se nós hoje vimos as coisas tão tortas e ninguém olha por elas, que dirão os nossos descendentes amanhã?

Depois do carro estar em ordem, continuámos a nossa viagem. Passámos por uma aldeia graciosa, onde predominavam os campos verdejantes e as ramadas a vergar com o peso das uvas. Chegámos a Vizela, vilamuito progressiva que muito admiramos.

A seguir, mais verdura mais campos e montes com orgulhoso arvoredos. Chegámos a Guimarães cidade berço da nossa Nacionalidade e raíña da indústria de cutelaria.

Passado que foi Guimarães, dirigimo-nos a Braga, tendo passado pela serra da Falperra, onde o famoso Zé Telhado fazia de quartel General.

Após termos perguntado a um serralleiro qual o caminho que devíamos seguir para Caldelas, lá fomos contentes como os pintasilgos na gaiola!

Em Caldelas, deixámos ficar o Júlio Mendes, que também fazia parte da caravana, tendo-me esquecido de o mencionar atrás, com a sua enorme mala, pois só ela valia pelas dos restantes componentes.

O carro até parece que anda melhor e num instante nos pusemos em Amares, terra tão graciosa como aliás todo o Minho.

Daqui em diante é que nos foram oferecidos pela Natureza os mais belos panoramas em que esta foi tão pródiga para este lindo rincão do nosso querido Portugal.

As notas mais importantes desta jornada foram as Casas do Património dos Pobres que fomos vendo na berma da estrada, a imponente barragem da Hidro-Eléctrica do Cávado e as imponentes pontes sobre o Rio Caldo que ficam acima um bocadinho. Ainda arranjamos tempo para uma paragemzinha, apesar de irmos com a barriga a dar horas.

Seguimos viagem de novo e à maneira que nos fomos aproximando do Gerez mais beleza se punha diante dos nossos olhos.

Chegamos ao Gerez e quase que não podíamos andar com fome mas os nossos leitores não fiquem a julgar que não atinámos com a pensão...

Depois de comer lá fui cheirar todos os cantos, ficando a saber que o Gerez é muito lindo. Por todos os lados se vêm fontes e estas ornamentadas com as mais variadas flores. O Parque Tude de Sousa é muito interessante: cheio de trepadeiras, flores e frondosas árvores que nos convidam ao repouso.

No dia seguinte, como o tempo estava bastante quente, tendo eu que vestir a camisola á tirone, lá fui até mais acima à serra, onde havia um conjunto de casas humildes, muito interessante. Ia levando uma corrida das abelhas da Ti Ma-

Estando hoje em Miragaia a ver de como estão subindo as casas do *Património*, chegou-me a curiosidade e entro numa quinta ali ao pé. Esta, aonde as casas são e aquela com muitas barracas, olham-se. São fronteiriças. O proprietário vive ausente. O procurador administra. Como não podia deixar de ser, temos também a locatária. Tudo nos moldes do costume. Tudo *perfeito*.

Começo a subir degraus, muitos degraus, até dar com a porta da referida quinta. Ranchos de crianças espreitam e seguem o estranho visitante. Alguns dos moradores vêm ao meu encontro, e quando entro, já era multidão. Tudo barracas. A barraca feita de pontas e de cacos. Tinha chovido ontem; não precisei que n o dissessem. O telhado não abriga! *De inverno aqui é só lama*. Também era desnecessária esta informação. Vi cães e gatos lazarentos. Galinhas desfiguradas. Perus nojentos. Um chiqueiro com muitos porcos no meio das barracas, dava a nota deshumana. Não há esgotos. Não há luz. Não há água. Se os inquilinos querem lavar, existe sim, um tanque, mas a sublocatária pede aos inquilinos dez tostões por dia! As rendas são iguais às do Barredo; ali também o é.

De onde estávamos, viam-se perfeitamente as casinhas do *Património*. Oh contraste! O grupo aproxima-se mais de mim. *Nós estamos aqui todos pasmados. A gente vê e ouve e não acredita*. É era um mundo de interjeições, que ali, naquele lúgubre lugar e para aquela gente, não havia sinal de outra eloquência. Eles pasmados do que viam em frente. Eu pasmado do que estava vendo. E cuidava eu que, no género barraca, já tinha visto tudo...! Os porcos! Muitos deles. Fosse uma pocilga e suportava-se, mas o chiqueiro! Ao pé crianças!

Ora a palavra de salvação está dada. Ninguém pergunte como se faz, porque a obra já está feita. Se os tostões de muitos foram capazes de erguer uma tal formosura, que rouba os olhos da cara aos miseráveis do chiqueiro, — *nós estamos todos pasmados*. Se assim é, porque não havemos nós de fechar a meia laranja, povoando esta quinta do Loureiro como ora se encontra a quinta do Cidral; porque não? Se nesta 28 moradias, naquela 4 vezes mais. O terreno dá. Se ainda não chegou, há-de vir a hora de expropriar para um bem social. O direito à vida é o primeiro. Ou são os porcos?!

ria da Assunção, pois não sei como arranjei a história, fui passar ao meio delas.

Subo aquela rua acima e vejo gente operária, risonha, com cara de bondade, comendo o caldo de baixo das ramadas. Convidaram-me a comer. Participar da sua alegria! Que bom o Gerez! Que bom o seu Povo!

Estas são as minhas primeiras impressões daqui. Por hoje mais nada a não ser os cumprimentos para todos.

Daniel Borges da Silva

ÍNDIA

Segundo notícias recentes, um dos nossos, ao serviço das Armas em Quelimane, deve estar a caminho da Índia. Se outros, dos quartéis da Metrópole, vierem a ser chamados, que marchem e sejam portugueses.

É o nosso contributo; a presença das casas do gaiato. Também escolhemos no calendário a festa de S. Francisco Xavier e celebrámos em união com todos os milhares e milhares que têm ido nestes tempos até junto da sepultura do Santo. É ainda o nosso contributo.

Quando todos diríamos que no mundo já não existe lugar para mais comições, de comovido, eis que a Índia veio dizer que não. Parece que as nações se esqueceram por um tempo dos seus graves problemas, para fazerem seu o nosso caso. Embaixadas. Chancelarias. A Imprensa. Até as pedras da rua!

Milhares e milhares de portugueses disseram ao Governo aonde estão e o que querem fazer: as nossas fazendas e a nossa vida. Em Lisboa, quem passa, pode ler nas paredes letras de sangue: Portugal não está de luto, luta. E presentemente o Canal de Suez tem visto passar ali a bandeira dos portugueses. Mais. Das suas margens, quem estiver atento, ouve-nos falar. Somos nós.

Quanto não vale no mundo uma Pessoa de Bem, como foi superiormente denominado e na verdade é o Governo da Nação!

Do que nós necessitamos

Viana, do asainante 28.872, sim. De Lisboa, tirado ao meu primeiro ordenado, 50\$00. Que bem tirado! Mais de visitantes do Porto, artigos plásticos. Mais do Lobito 50\$00. É da Maria do Céu. As nossas Províncias do Ultramar, querem-se mudar para Paço de Sousa. As vezes acontece no número de cartas diárias, serem tantas de lá como de cá! Mais cem de Lisboa, do Casal R. D.. Outra vez Lisboa com o dobro. Mais 50\$ do Porto. Um campeonato infantil da Foz, rendeu 63\$50 e aqui estão eles. Do Rio uma mala com roupas. Outras malas, de África, vão ter ao Tojal. Mais cem do Estoril, para antibióticos. Mais do hospital de sangue da Beira 100 angolares. Isto acontece muitas vezes; gente que vai ali dar sangue e também dá sangue para aqui. Ouvi dizer que nos Bancos de Sangue, qualquer um chamado a dá-lo, tem de receber dinheiro. Quantos e quantos não hão-de ver por isso o seu sangue diminuído, quantos! Mais 1.134\$70 do Pessoal da Estação Central dos Caminhos de Ferro da Beira. Mais 123\$00 de Carracedo. Esteve aqui uma família com dois mealheiros que foram por algum tempo a «ratoeira» da casa e eram cheinhos de prata. Mais cem de uma Anadiense. Mais tudo quanto vai ter ao Espelho da Moda. Mais 300\$ do Porto. Mais de uma assinante 6 pares de sapatos. Mais 300\$. Mais 50\$. Mais 20\$ do Estoril. Mais da Zilda 250\$. De Lisboa, vale n.º 000 50\$00. Não tenha medo. Se às vezes não publicamos é que são muitos os artigos e pouco quem cuide desta secção da Obra. Mais roupas de Newark. Ali existe uma colónia de muitos milhares de portugueses. É o cheiro do dólar. Mais roupas pequeninas de Lourenço Marques. Mais delas da Rodésia do Sull. A Maria Arcanja manda um grande pacote e diz que vai mandar mais. Da Rodésia! Só por causa desta, valeu a pena a descoberta de Cecil Rhodes!

Colabore na «Campanha de Assinaturas», angariando novos assinantes.